Para Reyann e Isah

Nasci sem voz num dia frio e nublado em Brooklyn, Nova Iorque. Ninguém falava da minha condição. Só anos depois descobri que era muda, quando abri a boca para pedir o que queria e percebi que ninguém me ouvia. De onde venho, não ter voz é uma condição associada ao meu género, uma condição tão normal como os seios no peito de uma mulher e tão necessária como as futuras gerações que crescem dentro da barriga dela. Mas, claro, isso nunca será explicado. De onde venho, aprendemos a esconder a nossa condição. Somos ensinadas a manter-nos em silêncio, silêncio que nos salvaria. Só agora, muitos anos depois, descobri que isto não é verdade. Só agora, enquanto escrevo a minha história, sinto a presença da minha voz.

Nunca ouviste esta história. Não importa quantos livros leste, quantas histórias conheças, acredita em mim: nunca ninguém te contou uma história como esta. De onde venho, guardamos estas histórias para nós mesmas. Contá-las a alguém de fora é inédito, perigoso, a desonra máxima.

Mas já nos viste. Faz uma caminhada pela cidade de Nova Iorque numa tarde de sol. Desce Manhattan até que as ruas fiquem curvas e entrelaçadas, como são vistas no Velho Mundo. Vai em direção a este, atravessando a Ponte de Brooklyn, onde a linha do horizonte de Manhattan se dissolve atrás de ti. Estará um forte engarrafamento do outro lado. Chama um táxi e vai pela Avenida Flatbush, a artéria principal do Sul de Brooklyn. Segue para sul da Terceira Avenida, onde os prédios são mais pequenos — com apenas três, quatro andares

e fachadas antigas. A Ponte Verrazano-Narrows flutua no horizonte como uma gaivota gigante, de asas abertas, com uma miragem distante da linha do horizonte de Manhattan. Continua para sul por mais um bocado até passares os armazéns transformados em cafés chiques, bares da moda que servem ostras e as lojas de ferragens pertencentes às mesmas famílias durante gerações. Quando começas a ver os cafés americanos substituídos por sinais escritos em línguas estrangeiras, saberás que estás perto. Anda dois quarteirões para oeste até à Quinta Avenida. Aí, encontrarás Bay Ridge. O nosso bairro de sete quilómetros quadrados é o caldeirão cultural de Brooklyn. Nas nossas ruas, encontrarás latinos, médio-orientais, italianos, russos, gregos e asiáticos, todos a falar nas suas línguas nativas, enquanto mantêm as tradições e culturas vivas. As construções estão cobertas por murais e arte urbana. Bandeiras coloridas abanam nas janelas e varandas. O cheiro doce de churros, *kebabs* e *pot-pourri* enchem o ar — uma grande mistura convergente de humanidade. Vira na esquina da Rua 72 com a Quinta Avenida, onde te encontrarás rodeado de padarias, bares de shisha e mercados de carne *hallal*[1]. Desce a calçada da Rua 72 até chegares a uma casa geminada antiga, igual a todas as outras — tijolos vermelhos descoloridos, uma porta castanha coberta de pó, com o número 545. Aí, vive a nossa família.

Mas a nossa história não começa em Bay Ridge. Para chegarmos lá, precisamos de voltar ao tempo em que ainda não tinha descoberto a minha voz, antes mesmo de ter nascido. Ainda não estamos na casa da Rua 72, nem em Brooklyn, nem nos Estados Unidos. Ainda não embarcámos no avião que nos levou do Médio Oriente para este novo mundo, não sobrevoámos o Atlântico, nem temos noção de que o iremos fazer. O ano é 1990 e estamos na Palestina. Foi aí que tudo começou.

[1] Refere-se a alimentos autorizados pela lei islâmica. *(N. da R.)*

Isra

Birzeit, Palestina
Primavera, 1990

Durante grande parte dos seus dezassete anos, Isra Hadid fazia o jantar com a mãe todos os dias, enrolando folhas de uva em tardes quentes, recheando abóboras ou fervendo sopa de lentilhas quando o ar se tornava mais fresco e as videiras do exterior da casa já estavam secas. Na cozinha, ela e a *Mama* juntavam-se em frente ao fogão como se partilhassem um segredo, enquanto o vapor rodopiava à volta delas, até o pôr do Sol projetar um traço de cor laranja através da janela. Olhando para fora, os Hadids viviam no alto de uma montanha, com uma paisagem rural — montes cobertos de casas com telhas avermelhadas e oliveiras, claro, denso e selvagem. Isra escancarava sempre a janela, porque adorava o cheiro dos figos e das amêndoas pela manhã, e, de noite, o sussurro dos cemitérios no sopé da montanha.

Já era tarde e a hora da oração *maghrib*[2] estava a chegar, o que interrompia a atividade da cozinha. Isra e a *Mama* iam à casa de banho, dobravam as mangas dos vestidos para lavar o molho vermelho-ocre das pontas dos dedos. Isra rezava desde os sete anos, ajoelhando-se ao lado da *Mama* cinco vezes por dia entre o nascer e o pôr do Sol.

[2] Uma das cinco orações islâmicas obrigatórias. *(N. da R.)*

Recentemente, ansiava pelo momento de oração, quando ficava ao lado da *Mama*, com os ombros juntos e os pés a tocar-se levemente, o único momento em que Isra sentia um toque humano. Ouvia o som denso do *adhan*[3] a chamá-las para a oração.

— A *maghrib* terá de esperar hoje — disse a *Mama* em árabe enquanto olhava pela janela da cozinha. — Os nossos convidados chegaram.

Bateram à porta da frente e a *Mama* correu até ao lava-louça, onde rapidamente enxaguou as mãos, secando-as com um pano limpo. Ao sair da cozinha, enrolou um *thobe*[4] preto no corpo magro e um *hijab*[5] que combinava com o longo cabelo escuro. Apesar de a *Mama* ter apenas trinta e cinco anos, Isra achava-a muito mais velha, com as rugas de expressão marcadas pelo trabalho.

A *Mama* cruzou o olhar com Isra.

— Não te esqueças de lavar as mãos antes de ires cumprimentar os nossos convidados.

Isra lavou as mãos, tentando não sujar o *kaftan*[6] que a *Mama* tinha escolhido para a ocasião.

— Estou bem?

— Estás ótima — disse a *Mama*, virando-se. — Certifica-te de que prendes bem o *hijab* para o cabelo não aparecer. Não queremos dar má impressão aos nossos convidados.

Ela fez o que a *Mama* mandou. Na entrada, conseguia ouvir o pai, Yacob, a recitar o seu *salaam*[7] enquanto acompanhava os convidados até à sala. Em breve, ele correria até à cozinha para pedir água, e aí ela entregar-lhe-ia três copos que já tinha preparado para ele. Era comum os convidados reclamarem da ladeira íngreme que os levava até à casa, especialmente em dias como aquele, em que o ar estava quente e parecia que a casa estava a centímetros do Sol. Isra morava numa das montanhas mais íngremes da Palestina, num pedaço de terra que

[3] Chamada para o salá; oração. *(N. da R.)*

[4] Túnica tradicional usada por homens. *(N. da R.)*

[5] Véu feminino tradicional. *(N. da R.)*

[6] Casaco ou aba dianteira até aos tornozelos com mangas compridas. *(N. da R.)*

[7] Cumprimento inclinando a cintura com a frente da mão direita contra o cimo do rosto. *(N. da R.)*

Yacob dizia ter comprado só pela vista da montanha, o que o fazia sentir poderoso, como um rei. Isra ouvia os comentários do pai em silêncio. Nunca se atrevia a dizer ao pai quão longe estavam de serem poderosos. A verdade é que a família de Yacob tinha sido retirada da casa onde morava, em Lida, quando ele tinha apenas dez anos, durante a invasão de Israel à Palestina. Esse era o verdadeiro motivo de viverem nos arredores de Birzeit, numa montanha íngreme com vista para dois cemitérios — um cemitério cristão à esquerda e um muçulmano à direita. Era um pedaço de terra que ninguém queria, e Yacob não podia pagar nada melhor.

Mesmo assim, Isra adorava a vista de Birzeit. Depois dos cemitérios, via a sua escola só para raparigas, um prédio de cimento de quatro andares coberto de videiras e, do outro lado, separado por um campo de amendoeiras, a mesquita de cúpula azul, onde Yacob e os três irmãos rezavam enquanto ela e a Mama rezavam em casa. Quando olhava pela janela da cozinha, Isra sentia sempre uma mistura de desejo e medo. Que existia além das fronteiras da sua vila? Mesmo que quisesse sair numa aventura pelo mundo, por outro lado, tinha o conforto e a segurança do mundo que já conhecia. Também tinha a voz da *Mama* nos ouvidos, lembrando-a de que «o lugar da mulher é em casa». Mesmo que Isra saísse de casa, não saberia para onde ir.

— Faz um bule de chá — disse Yacob enquanto entrava na cozinha e Isra lhe entregava os copos de água. — E coloca umas folhas de hortelã a mais.

Isra não precisava desses pedidos: já sabia estes costumes de cor. Desde que se lembrava, observava a mãe a servir e a entreter as visitas. A *Mama* deixava sempre uma caixa de chocolates *Mackintosh's*[8] na mesa de centro da sala quando tinha visitas, servindo sempre sementes de melancia torradas antes de trazer o *baklava*[9]. As bebidas também eram servidas por ordem: primeiro, o chá de hortelã e, por último, o café turco. A *Mama* dizia que era um insulto inverter a ordem desse

[8] Marca de chocolates que hoje em dia pertencem à *Nestlé*. *(N. da R.)*

[9] Bolo típico do Médio Oriente composto por camadas finas de massa recheada com nozes e mel. *(N. da R.)*

serviço, e era verdade. Isra ouvira certa vez uma mulher contar que fora recebida com um café turco na casa de um vizinho.

— Fui logo embora — disse a mulher. — Mais valia terem-me expulsado.

Isra pegou num conjunto de chávenas de porcelana vermelhas e douradas enquanto ouvia a *Mama* na sala. Conseguia ouvir Yacob a rir juntamente com o riso dos outros homens, questionando o que seria assim tão engraçado.

Alguns meses antes, na semana em que tinha feito dezassete anos, Isra chegou a casa vinda da escola e encontrou Yacob sentado na sala com um rapaz e os pais. O que mais lembrava desse dia, a primeira vez que foi pedida em casamento, era ouvir Yacob gritar com a *Mama* depois de os convidados se terem ido embora, furioso por ela não ter servido o chá nas chávenas antigas que guardavam para ocasiões especiais.

— Agora, sabem que somos pobres! — gritava Yacob com a mão aberta e trémula.

A *Mama*, sem dizer nada, foi simplesmente para a cozinha em silêncio. Serem pobres era o principal motivo de Yacob querer casar Isra. Os filhos homens eram aqueles que o ajudavam a arar a terra e a sustentar a casa. Eram eles que, um dia, prosseguiriam com o nome da família. Uma filha era apenas uma hóspede temporária, que aguardava em silêncio até que outro homem a levasse, livrando, assim, o pai do fardo financeiro que ela representava.

Já dois homens tinham pedido Isra em casamento — um padeiro de Ramallah e um taxista de Nablus —, mas Yacob recusara ambos. Não conseguia parar de falar de uma família que chegara dos Estados Unidos à procura de uma esposa, e Isra já percebera porquê: ele esperava um pretendente.

Isra não sabia o que sentir por ir viver para os Estados Unidos, um lugar de que só tinha ouvido falar nas notícias ou em livros da biblioteca da escola. Dessas fontes, concluiu que a cultura ocidental não era tão rígida como a sua. Isso fazia-a sentir entusiamo e medo ao mesmo tempo. Como seria a sua vida se se mudasse para os Estados Unidos? Como é que uma rapariga conservadora se adaptaria a um local tão liberal?

Era comum ficar acordada durante a noite a pensar no futuro, ansiosa por saber como seria a sua vida depois de deixar a casa de Yacob. Será que um homem se apaixonaria por ela? Quantos filhos teria? Quais seriam os seus nomes? Noutras noites, sonhava que ia casar-se com o amor da sua vida e que iam viver numa pequena casa no alto da colina com janelas grandes e um telhado avermelhado. Por vezes, nessas noites, chegava mesmo a ver a cara dos filhos – dois meninos e duas meninas –, que olhavam para ela e para o marido, uma família amorosa como aquelas sobre as quais lia nos livros. No entanto, não tinha essa esperança. Nunca imaginara mudar-se para os Estados Unidos da América. Nem sabia por onde começar. E essa ideia aterrorizava-a.

Queria poder abrir a boca e dizer aos pais: *«Não! Essa não é a vida que quero para mim.»* Mas Isra já tinha aprendido desde muito jovem que a obediência era o caminho para o amor. Assim sendo, apenas desafiava em segredo, especialmente com os livros. Todos os finais de tarde, depois de voltar da escola, fazer arroz a vapor, pendurar a roupa dos irmãos, pôr a *sufra*[10] e lavar a louça do jantar, Isra retirava-se em silêncio para o quarto e lia sob a janela aberta, com a suave luz da Lua a iluminar as páginas. Ler era uma das muitas coisas que a *Mama* a proibia de fazer, mas Isra nunca obedeceu.

Lembrava-se de certa vez ter dito à mãe que não encontrara fruta nas amoreiras, quando a verdade era que passara a tarde a ler no cemitério. Yacob bateu-lhe duas vezes nessa noite por ela o ter desafiado. Chamou-lhe *sharmouta*[11], puta. Disse que lhe ia mostrar o que acontecia a raparigas desobedientes, empurrando-a contra a parede e batendo-lhe com o cinto. Tudo ficou branco. Tudo ficou estático. Ela fechou os olhos até ficar dormente, até não se conseguir mexer. Conforme o medo crescia em Isra, ao pensar nesses momentos, algo mais crescia. Uma estranha sensação de coragem.

Isra colocou as chávenas de arroz feito a vapor numa bandeja e entrou na sala. A *Mama* disse que o truque para manter o equilíbrio era

[10] Mesa. *(N. da R.)*

[11] Ofensa – filha de puta, prostituta, cabra. *(N. da R.)*

nunca olhar diretamente para o vapor que saía das chávenas, então ela olhou para o chão. Parou por um momento. Do canto do olho, viu os homens e as mulheres sentados em lados opostos da sala. Olhou para a *Mama*, que estava sentada como era habitual: de cabeça baixa enquanto os olhos observavam o tapete turco vermelho. Isra olhou para o padrão do tapete. Espirais e remoinhos, todos curvados exatamente da mesma forma, começando onde outro acabava. Olhou para o lado. Ficou tentada a vislumbrar o jovem que estava lá, mas sentia que Yacob olhava para ela, e quase conseguia ouvi-lo dizer-lhe ao ouvido: *raparigas decentes nunca olham para os homens!*

Isra manteve os olhos apontados para ao chão, mas permitiu-se olhar um pouco mais em frente. Reparou nas meias do jovem, em xadrez cinzento e rosa com uma costura branca na parte de cima. Eram completamente diferentes de qualquer coisa que já tivesse visto nas ruas de Birzeit. Sentiu um formigueiro na pele.

Nuvens de vapor rosa que vinham da bandeja cobriam a cara de Isra enquanto servia todos os homens à volta da sala. Só depois serviu a mãe do pretendente. Isra reparou que o *hijab* azul-marinho da mulher parecia ter caído acidentalmente à volta da cabeça e quase não lhe cobria o cabelo pintado com *hena*. Isra nunca tinha visto mulheres muçulmanas a usar o *hijab* daquela maneira. Talvez na televisão, nos filmes egípcios em preto-e-branco que via com a *Mama*, ou nos videoclipes libaneses, onde as mulheres dançavam com roupa reveladora, ou até mesmo nas ilustrações do seu livro favorito, *As Mil e Uma Noites*, uma coleção de histórias folclóricas do Médio Oriente passadas na Idade Média. Nunca em Birzeit.

Quando Isra se inclinou, viu a mãe do pretendente a observá-la. Era uma mulher gorda e curvada, com um sorriso torto e olhos ligeiramente semicerrados nos cantos. Com base na expressão da mulher, Isra decidiu que devia estar insatisfeita com a sua aparência. Afinal, a *Mama* sempre lhe dissera que era uma rapariga simples — com cara cor de trigo e olhos tão negros como o carvão. O traço mais marcante de Isra era o cabelo, longo e escuro como o Nilo. Mas naquele momento ninguém conseguia vê-lo, porque estava debaixo do *hijab. Como se fizesse diferença*, pensou Isra. Não era nada de especial.

Foi este último pensamento que magoou Isra. Enquanto estava em pé, ao lado da mãe do pretendente, sentiu o lábio superior a tremer. Aproximou-se da mulher, agarrando a bandeja com força nas mãos. Viu que Yacob olhava para ela e ouviu-o quando aclarou a voz, viu a *Mama* enfiar as unhas nas próprias coxas, mas, mesmo assim, inclinou-se na direção da mulher, com as mãos a tremer enquanto segurava na chávena de porcelana, perguntou:

— Gostaria de tomar um café turco?

Mas não funcionou. Aparentemente, os americanos não notaram que ela servira o café primeiro. Na verdade, o pretendente pediu-a em casamento logo depois, e Yacob aceitou imediatamente. Isra nunca o tinha visto com um sorriso tão grande.

— Em que estavas a pensar quando serviste o café primeiro? — gritou a *Mama* quando os convidados saíram e voltou com Isra para a cozinha para acabar de preparar a comida.

— Já não és jovem; tens quase dezoito anos! Queres viver na minha casa para sempre?

— Estava nervosa — murmurou Isra na esperança de que Yacob não a castigasse. — Foi um acidente.

— Claro que foi. — A *Mama* desenrolou o *thobe* do corpo magro. — Como quando puseste sal no chá de Umm Ali, porque ela disse que eras magra que nem um poste.

— Também foi um acidente.

— Devias agradecer por a família deles não ser tão tradicional como a nossa — disse a *Mama* —, senão, podias ter estragado a hipótese de ir para os Estados Unidos.

Isra olhou para a mãe com os olhos húmidos.

— Que vai acontecer-me quando for para lá?

A *Mama* não tirou os olhos do que estava a fazer. Continuou curvada sobre a tábua de cozinha enquanto picava cebola, alho e tomate, os ingredientes principais de quase todas as refeições. Isra sentiu os aromas familiares, desejando que a *Mama* a abraçasse e lhe sussurrasse ao ouvido que tudo ficaria bem, que talvez até se oferecesse para costurar alguns *hijabs* para o caso de não serem fabricados nos Estados Unidos. Mas a *Mama* ficou em silêncio.

— Devias estar agradecida — disse finalmente a *Mama* enquanto atirava um punhado de cebola picada para a frigideira. — Deus deu-te uma boa oportunidade. Um bom futuro nos Estados Unidos. Melhor do que aquele que terias aqui.

Apontou para a bancada enferrujada, para o velho barril que usavam para aquecer a água do banho e para o piso de vinil descascado.

— É assim que queres passar o resto da vida? Sem aquecimento no inverno, a dormir em colchões da grossura de folhas de papel e quase sem comida suficiente?

Quando Isra nada disse, ficando apenas a olhar fixamente para a cebola a fritar na frigideira, a *Mama* aproximou-se e levantou-lhe o queixo.

— Sabes quantas raparigas matariam para estar no teu lugar, para deixar a Palestina e se mudar para os Estados Unidos?

Isra baixou o olhar. Sabia que a *Mama* estava certa, mas não conseguia imaginar-se nos Estados Unidos. O problema era que Isra também não sentia que a Palestina fosse o seu lugar, onde todos viviam de forma cautelosa, seguindo a tradição para não serem rejeitados. Isra sonhava com coisas maiores — não ser forçada a obedecer às convenções, com aventura e, acima de tudo, com amor. Durante a noite, depois de acabar de ler, escondia o livro debaixo do colchão, deitava-se na cama e ficava a imaginar como seria apaixonar-se e ser correspondida. Conseguia imaginar um homem, mesmo que não conseguisse decifrar-lhe a cara. Ele construía-lhe uma biblioteca para as histórias e para os seus poemas favoritos. Liam todas as noites perto da janela — Rumi, Hafez e Gibran. Ela contava-lhe os seus sonhos, ele escutava. Todas as manhãs, fazia chá de hortelã para ele e todas as noites fazia sopas quentes caseiras. Caminhavam juntos pelas montanhas de mãos dadas, e ela sentia, pela primeira vez na vida, que era digna do amor de alguém. «Vê só a Isra e o marido», comentariam as pessoas. «É um amor que só se vê em contos de fadas.»Isra aclarou a voz:

— Mas, *Mama*, e o amor?

A *Mama* olhou para ela através do vapor.

— Que tem?

— Eu sempre quis apaixonar-me.

— Apaixonar? Que estás a dizer? Criei uma *sharmouta*?

— Não... não... — Isra hesitou. — Mas e se eu e o meu pretendente não nos amarmos?

— Não se amarem? Que tem o amor que ver com o casamento? Achas que o teu pai e eu nos amamos?

Os olhos de Isra apontaram para o chão.

— Achei que se amavam, um pouco.

A *Mama* suspirou.

— Em breve, vais aprender que não há espaço para o amor na vida de uma mulher. Só precisas de uma coisa: paciência.

Isra tentou controlar a deceção. Escolheu as palavras seguintes com muito cuidado.

— Talvez a vida para as mulheres dos Estados Unidos seja diferente.

A *Mama* encarou-a de forma intensa, sem piscar os olhos.

— Como assim, diferente?

— Não sei — disse Isra, suavizando o tom de voz para não desagradar à mãe. — Talvez a cultura dos Estados Unidos não seja tão rigorosa como a nossa. Talvez lá as mulheres sejam mais bem-tratadas.

— Mais bem-tratadas? — ridicularizou a *Mama*, abanando a cabeça enquanto salteava os legumes. — Tal qual aqueles contos de fadas que lês?

Isra sentiu-se a corar.

— Não, assim, não.

— Então, como?

Isra queria perguntar à *Mama* se o casamento nos Estados Unidos era igual ao casamento dos seus pais, onde o homem determinava tudo relacionado com a família e batia na esposa se alguma coisa lhe desagradasse. Isra tinha cinco anos quando viu Yacob bater na *Mama* pela primeira vez. Tudo porque um pedaço de borrego estava malpassado. Ainda se lembrava da expressão de súplica nos olhos da mãe, a implorar para que parasse, e do olhar sombrio de Yacob enquanto lhe batia. Algo sombrio crescera dentro de Isra naquele momento, ao mesmo tempo que ganhava nova consciência sobre o mundo. Um mundo onde não só as crianças eram agredidas, mas as mães também. Ao olhar nos olhos da *Mama* naquela noite, ao vê-la chorar violentamente, Isra sentira uma raiva inesquecível.

Tornou a escolher as palavras com muito cuidado.

— Acha que talvez as mulheres sejam mais respeitadas nos Estados Unidos?

A *Mama* fixou o olhar nela.

— Respeitadas?

— Ou talvez tenham mais valor? Não sei.

A *Mama* pousou a colher com que mexia a panela.

— Escuta, filha. Não importa quanto te afastes da Palestina, as mulheres serão sempre mulheres. Seja aqui ou lá. A localização não muda o *nasseb*, o destino.

— Mas não é justo.

— És muito jovem para entender isso agora — disse a *Mama* —, mas deves sempre lembrar-te — levantou o queixou de Isra — de que não há nada neste mundo para as mulheres além do *bayt wa dar*[12], a casa e o lar. Casamento, maternidade... É esse o único valor da mulher.

Isra assentiu, mas, por dentro, recusou-se a aceitar. Apertou as palmas das mãos contra as coxas e tentou esquecer a tristeza. *A Mama está errada*, disse a si mesma. Só porque não tinha encontrado a felicidade com Yacob, não significava que Isra também não encontrasse. Amaria o marido de uma forma que a *Mama* nunca tinha conseguido amar Yacob — faria de tudo para o compreender, para lhe agradar e, assim, mereceria o amor dele.

Isra levantou a cara e percebeu que as mãos da *Mama* tremiam. Caíram-lhe algumas lágrimas pela cara.

— Está a chorar, *Mama*?

— Não, não — disse, virando-se para o outro lado. — Estas cebolas são fortes.

Só uma semana depois, Isra voltou a ver o pretendente, já na cerimónia muçulmana do seu casamento. O nome dele era Adam Ra'ad. O olhar de Adam cruzou, de forma breve, o de Isra enquanto o clérigo lia uma passagem do Alcorão e quando os dois pronunciaram a palavra *qubul*[13], «Aceito», três vezes. A assinatura do contrato nupcial foi rápida e simples, ao contrário da sofisticada festa de casamento que

[12] Casa; lar. *(N. da R.)*

[13] Aceitar; aceitação. *(N. da R.)*

seria realizada depois de Isra receber o visto de imigrante. Isra ouviu Yacob dizer que conseguiriam o visto em poucas semanas por Adam ser cidadão americano.

Da janela da cozinha, Isra conseguia ver Adam lá fora, a fumar um cigarro. Observou o novo marido enquanto ele caminhava para cima e para baixo no caminho em frente à casa. Sorria um pouco com os olhos semicerrados. Àquela distância, parecia ter uns trinta anos, talvez um pouco mais, com rugas de expressão que começavam a aparecer. Um bigode bem aparado de pelos pretos cobria-lhe o lábio superior. Isra imaginou como seria beijá-lo e sentiu-se a corar. *Adam*, pensou. *Adam* e *Isra*. Soava bem.

Adam tinha vestida uma camisa azul-marinha com botões alinhados e calças cáqui castanho-claras com uma dobra pelos tornozelos. Os sapatos eram de um couro castanho brilhante com pequenos orifícios picotados e um tacão preto sólido de boa qualidade. Passava os pés na terra com suavidade. Ela imaginou uma versão mais jovem dele, de pés descalços, a chutar uma bola de futebol nas ruas de Birzeit. Não era difícil de imaginar. Com os pés, ele remexia num pedaço de terra irregular, como se tivesse sido criado num lugar igual àquele. Que idade teria quando deixou a Palestina? Era criança? Adolescente? Homem?

— Porque é que tu e o Adam não se vão sentar na varanda? — disse Yacob a Isra assim que Adam entrou novamente em casa.

Adam olhou-a nos olhos e sorriu, a mostrar o seu sorriso com dentes manchados. Ela desviou o olhar.

— Vão lá — disse Yacob. — Precisam de se conhecer.

Isra sentiu-se corada enquanto caminhava em direção à varanda. Adam seguiu-a, olhando envergonhado para o chão com as mãos nos bolsos das calças. Perguntou a si mesma se ele também estaria nervoso, mas ao mesmo tempo rejeitou esse pensamento. Ele era um homem. Porque estaria nervoso?

Lá fora, estava uma bela manhã de março. Ideal para colher fruta. Recentemente, Isra tinha podado a figueira que apoiava a casa, preparando-a para florir no verão. Ao lado da árvore, duas amendoeiras inclinadas começavam a florescer. Isra viu Adam arregalar os olhos,

admirar aquela beleza. A varanda estava coberta por videiras e ele passou os dedos por um conjunto de brotos que se transformariam em uvas no verão. Ao ver a sua expressão, Isra ponderou se ele já teria visto alguma videira. Talvez não visse desde a infância. Queria perguntar-lhe tantas coisas: porque tinha deixado a Palestina e quando? Como tinham conseguido chegar aos Estados Unidos? Queria falar, mas abria a boca sem que nenhuma palavra saísse.

Havia um baloiço de ferro fundido no meio da varanda. Adam sentou-se e esperou que Isra se juntasse a si. Ela respirou fundo ao sentar-se ao lado dele. De onde estavam, conseguiam ver os cemitérios, que estavam delapidados, e Isra sentiu vergonha por isso. Esperava que Adam não pensasse mal de si. Tentou arranjar forças para pensar no que Yacob dizia sempre: «Não importa onde vives se a casa for tua. Livre de ocupação e sangue.»

Estava uma manhã silenciosa. Ficaram ali sentados durante um tempo com os olhares perdidos na vista. Isra sentiu um arrepio na espinha. Não conseguia parar de pensar no *jinn*[14] que vivia nos cemitérios e nas ruínas. Quando era criança, ouvira inúmeras histórias sobre criaturas sobrenaturais que, dizia-se, possuíam os humanos. Muitas mulheres do bairro juravam ter testemunhado uma presença maligna perto dos dois cemitérios. Baixinho, Isra murmurou uma oração. Pensou se aquilo não seria um mau presságio, estar ali a olhar para um cemitério logo na primeira vez que se sentava com o marido.

Ao seu lado, Adam, distraído, olhava para o horizonte. Em que estaria a pensar? Porque não dizia nada? Estaria *à espera* de que ela falasse primeiro? Claro que devia ser ele a falar primeiro! Pensou nas interações entre os homens e as mulheres dos livros que tinha lido. Pequenas introduções, depois histórias pessoais, e o sentimento crescia. Era assim que duas pessoas se apaixonavam. Ou pelo menos fora assim que Sindbad, o Marinheiro, se apaixonara pela princesa Shera, no livro *As Mil e Uma Noites*. Só que, na maior parte da história, Shera era um pássaro. Isra decidiu ser mais realista.

[14] Génio: nas histórias tradicionais árabes/muçulmanas, é um espírito que pode aparecer em forma de humano/animal e possuir uma pessoa. *(N. da R.)*

Adam virou-se de frente para ela. Isra engoliu em seco e arranjou o hijab. Os olhos dele perderam-se nas madeixas de cabelo preto soltas que saíram do *hijab*. Ela percebeu que ele ainda não lhe tinha visto o cabelo. Ficou à espera de que dissesse algo, mas ele apenas a olhou fixamente. O seu olhar movia-se para cima e para baixo, e os lábios separavam-se lentamente. Algo nos seus olhos a perturbou. Uma intensidade.

Que seria? No seu olhar vidrado, ela viu o que poderiam ser os dias do resto da sua vida a juntar-se como páginas de um livro. Se pelo menos as pudesse folhear, para saber o que viria a seguir.

Isra parou o contacto com o olhar de Adam e voltou a observar os cemitérios. *Talvez ele esteja apenas nervoso*, disse a si mesma. Ou talvez não gostasse dela. Seria razoável. Afinal, nunca ninguém lhe tinha dito que era bonita. Os seus olhos eram pequenos e escuros e o maxilar era angular. Mais do que uma vez, a *Mama* tinha ridicularizado os seus traços mais angulados, dizendo que o nariz era longo e pontiagudo e que a testa era grande de mais. Ela tinha a certeza de que Adam lhe olhava para a testa naquele momento. Arranjou o *hijab*. Talvez devesse pegar numa caixa de chocolates Mackintosh's que a *Mama* guardava para ocasiões especiais. Ou talvez devesse ir fazer um pouco de chá. Quase lhe ofereceu uvas, mas lembrou-se de que ainda não estavam maduras.

Quando se virou novamente para Adam, reparou que os joelhos dele tremiam. Do nada, ele aproximou-se para lhe dar um beijo na bochecha. Isra deu-lhe uma bofetada.

Chocada, esperou por um pedido de desculpa, algo que demonstrasse que ele não tivera intenção de a beijar, que o seu corpo tinha agido com vontade própria. Mas ele apenas olhou para o lado, corado, enterrando o olhar entre as sepulturas do cemitério.

Com grande esforço, forçou-se a olhar para os cemitérios. Pensou que talvez existisse algo entre as sepulturas que não conseguisse perceber, algum segredo que desse sentido ao que estava a acontecer. Pensou no livro *As Mil e Uma Noites*, em como a Princesa Shera queria ser humana para poder casar-se com Sindbad. Isra não entendia. Como é que alguém queria ser mulher quando podia ser um pássaro?

— Ele tentou beijar-me — disse Isra à *Mama*, a sussurrar, para que Yacob não escutasse, depois de Adam e a família terem ido embora.

— Como assim, tentou beijar-te?

— Ele tentou beijar-me e eu bati-lhe! Desculpe, *Mama*. Foi tudo muito rápido e eu não sabia o que fazer. — As mãos de Isra tremiam e ela colocou-as entre as coxas.

— Agiste bem — disse a *Mama* após uma longa pausa. — Assegura-te de que só o deixas tocar-te *depois* do casamento. Não queremos que essa família americana ande para aí a dizer que criámos uma *sharmouta*. É isso que os homens fazem, sabias? Põem sempre a culpa na mulher. — A *Mama* apontou-lhe o dedo. — Não dês motivos para isso acontecer.

— Não. Claro que não!

— Reputação é tudo. Não deixes que ele te toque outra vez.

— Não se preocupe, *Mama*. Não vou deixar.

No dia seguinte, Adam e Isra apanharam o autocarro para Jerusalém, para um lugar chamado Consulado-Geral dos Estados Unidos, onde as pessoas solicitavam os vistos de imigrantes. Isra estava nervosa por estar sozinha com Adam de novo, mas não havia nada que pudesse fazer. Yacob não pôde ir com eles, porque o seu *hawiya*[15] palestiniano, emitido pela autoridade militar de Israel, lhe dificultava a entrada em Jerusalém. Isra também tinha um hawiya, mas, agora que estava casada com um cidadão americano, teria menos dificuldades em passar pelos postos de controlo.

Os postos de controlo eram o motivo de Isra nunca ter ido a Jerusalém, que, assim como a maior parte das cidades palestinianas, era controlada por Israel e na qual não se podia entrar sem autorização. As autorizações eram requisitadas em mais de uma centena de postos de controlo e barricadas que Israel tinha construído em terras palestinianas, restringindo assim as viagens entre as próprias cidades e vilas — às vezes, até mesmo no interior. Alguns postos de controlo eram geridos por soldados israelitas fortemente armados e protegidos por tanques de guerra; noutros postos, foram erguidos portões, que

[15] Abismo; é usado para se referir a um poço sem fundo, neste caso, o Inferno. *(N. da R.)*

ficavam fechados quando não estavam no horário de serviço. Adam ficava bastante chateado e praguejava sempre que passavam pelas barricadas, irritado pelo controlo rigoroso e pelo trânsito. Em cada uma delas, mostrava aos soldados israelitas o passaporte americano, falando com eles em inglês. Isra entendia um pouco de inglês, porque aprendera na escola, e estava impressionada por ele falar tão bem a língua.

Quando finalmente chegaram ao consulado, esperaram horas na fila. Isra ficou atrás de Adam, com a cabeça baixa, e só falava quando se dirigiam a ela. Mas Adam também quase não falou e Isra indagava se ele estaria chateado consigo por lhe ter dado uma bofetada na varanda. Pensou em pedir desculpa, mas secretamente achava que não tinha nada por que se desculpar. Apesar de já terem assinado o contrato nupcial muçulmano, ele não tinha direito a beijá-la assim, não até à noite da cerimónia de casamento. Mesmo assim, a palavra *desculpa* começou a ganhar forma na sua boca. Forçou-se a engoli-la.

Na cabina principal, disseram que o visto de Isra demoraria apenas dez dias a ficar pronto. *Agora, Yacob já pode planear o casamento*, pensou ela enquanto caminhava por Jerusalém. Caminhando pelas ruas estreitas da cidade antiga, Isra foi arrebatada por sensações.

Cheirou-lhe a camomila, sálvia, hortelã e lentilhas dos sacos de serapilheira colocados em fila em frente a uma loja de especiarias, e sentiu o cheiro doce de *kunafa* recém-saído do forno de um *dukan* próximo. Viu gaiolas com galinhas e coelhos em frente ao talho, e várias butiques com vitrinas repletas de joias banhadas de ouro. Homens velhos que usavam *hattas*[16] vendiam lenços coloridos nas esquinas. Mulheres vestidas de preto dos pés à cabeça andavam apressadas pelas ruas. Algumas usavam *hijabs* bordados, calças apertadas e óculos escuros redondos. Outras nem usavam *hijab* e Isra percebeu serem israelitas. Os saltos altos estalavam na calçada irregular. Rapazes assobiavam. Carros entrelaçavam-se pelas ruas estreitas, a buzinar e a deixar um rasto de fumo de combustível para trás. Soldados israelitas patrulhavam as ruas, com espingardas longas que lhes atravessavam os corpos magros. Tudo rodeado de uma atmosfera cheia de sujidade e barulho.

[16] Gorros. *(N. da R.)*

Para o almoço, Adam pediu sandes de *falafel* num carro de comida ambulante perto da Mesquita de Al-Aqsa. Isra fixou o olhar na mesquita, deslumbrada pela cúpula dourada enquanto comiam.

— Não é linda? — disse Adam entre dentadas.

— É. — respondeu Isra. — Nunca tinha visto isto.

Adam olhou para ela.

— A sério?

Ela assentiu.

— Porquê?

— É difícil chegar aqui.

— Eu estive afastado durante tanto tempo, que me esqueci de como era. Acho que fomos parados em meia-dúzia de barricadas. É um absurdo!

— Quando saíste da Palestina? — perguntou Isra.

Adam mastigava.

— Mudámo-nos para Nova Iorque em 1976, quando eu tinha dezasseis anos. Os meus pais vieram cá algumas vezes, mas eu tive de ficar em Nova Iorque para tomar conta da mercearia do meu pai.

— Já entraste na mesquita?

— Claro. Várias vezes. Queria ser *imam*[17] quando era criança. Sacerdote. Passei um Ramadão a dormir aqui no verão. Memorizei o Alcorão inteiro.

— A sério?

— Sim.

— E que fazes nos Estados Unidos? És sacerdote?

— Oh, não.— Então, que fazes?

— Sou dono de uma mercearia.

— Porque não te tornaste *imam*? — perguntou Isra, encorajada na primeira conversa deles.

— Não era possível fazer isso nos Estados Unidos.

— Como assim?

[17] Posição de liderança islâmica. É mais usado como título de um líder de adoração de uma mesquita. *(N. da R.)*

— O meu pai precisou da minha ajuda no negócio de família. Tive de desistir.

— Oh. — Isra fez uma pausa. — Não esperava isso.

— Porquê?

— Sempre achei que... — Parou para pensar melhor no que ia dizer.

— O quê?

— Presumi que fosses livre. — Ele fez uma expressão de curiosidade. — Tu sabes, por seres homem.

Adam não disse uma palavra e continuou a olhar fixamente para ela. Por fim, disse:

— Eu sou livre — e desviou o olhar.

Isra analisou Adam durante muito tempo enquanto acabavam de comer as sandes. Não conseguia parar de pensar na expressão de desconforto dele após mencionar o seu sonho de infância. Sorriu com os lábios cerrados. Imaginou-o na mesquita durante o Ramadão, fazendo a oração *maghrib* enquanto recitava o Alcorão com uma voz forte e musical. Isra ficou triste a pensar nele atrás de uma caixa registadora, a contar o dinheiro e a repor produtos nas prateleiras quando queria estar a rezar numa mesquita. E pensou que, pela primeira vez, sentada ali ao lado dele, talvez não fosse assim tão difícil amá-lo.

Isra passou a última noite em Birzeit sentada numa cadeira de metal dourada com os lábios pintados da cor de amoras, com a pele coberta de camadas de renda branca e o cabelo enrolado e borrifado com purpurinas. À sua volta, as paredes giravam. Ficou ali a vê-las aumentar e diminuir de tamanho como se fossem esmagá-la. Mulheres vestidas com uma variedade de cores dançavam ao seu redor. Crianças juntavam-se em grupos enquanto comiam *baklava* e bebiam Pepsi. Música alta fazia o ar tremer juntamente com os fogos de artifício. Todos aplaudiam, batendo palmas ao ritmo do seu coração trémulo. Ela assentia e sorria sempre que a felicitavam, mas, por dentro, não sabia quanto tempo mais conseguiria aguentar as lágrimas. Imaginava se os convidados entendiam o que estava a acontecer, se tinham noção de que faltavam apenas algumas horas para entrar num avião com um homem que mal conhecia para ir morar num país cuja cultura não era a sua.

Adam estava sentado ao seu lado, com um fato preto que contrastava com a camisa branca abotoada. Era o único homem no salão. Os outros estavam noutra sala à parte, longe das mulheres que dançavam. Nem os irmãos mais novos de Adam, Omar e Ali, que Isra só tinha conhecido minutos antes do casamento, podiam entrar. Ela não conseguia ter noção da idade deles, mas deviam ter entre vinte e trinta anos. De vez em quando, um deles espreitava para dentro da sala para ver as mulheres a dançar, mulheres essas que os lembravam de voltar para o salão dos homens. Isra procurou os irmãos, que eram demasiado jovens para ficar no salão dos homens, e viu-os a correr de um lado para o outro. Pensou se voltaria a vê-los.

Se a felicidade fosse medida em decibéis, a mãe de Adam era a pessoa mais feliz na sala. Fareeda era uma mulher alta e grande, e Isra sentia que a pista de dança se encolhia perante a presença dela. Usava um *thobe* vermelho e preto, com padrões orientais bordados nas mangas, e um grande cinto de moedas douradas à volta da cintura larga.

Tinha *kohl*[18] preto à volta dos olhos pequenos. Cantava todas as músicas com voz confiante, enquanto girava um longo bastão branco no ar. A cada minuto, levava a mão à boca e soltava um *zughreta*[19], um som alto e cortante. A sua única filha, Sarah, que parecia ter uns onze anos, atirava pétalas para o palco. Era uma versão mais jovem e magra da mãe: olhos escuros amendoados, cabelo preto encaracolado que voava descontrolado pelo ar e pele dourada como o trigo. Isra quase conseguia ver a versão adulta de Sarah ali sentada, com o pequeno corpo enterrado debaixo de um vestido nupcial branco. Estremeceu só com o pensamento.

Procurou a mãe. A *Mama* estava sentada num canto do salão, inquieta. Não se tinha levantado desde o começo do casamento, e Isra ponderou se ela quereria dançar. *Talvez esteja demasiado triste para dançar*, pensou Isra. Ou talvez estivesse com medo de passar a mensagem errada. Quando era criança, era comum ouvir as mulheres a criticar a

[18] Cosmético que as mães punham nos olhos dos bebés para os fortalecer após o nascimento ou para evitar que fossem amaldiçoadas pelo mau-olhado. *(N. da R.)*

[19] Sons de alegria nos campos de batalha ou ritual tradicional de idolatria de mulheres que pedem alívio, misericórdia e chuva aos ídolos. *(N. da R.)*

mãe da noiva por comemorar demasiado o casamento, animada por se livrar da filha. Perguntou a si mesma se a *Mama* estaria animada por se livrar dela.

Adam tocava um tambor chamado *darbuka*[20]. Isra assustou-se por um segundo e desviou o olhar da *Mama*. Viu Fareeda a entregar o bastão branco a Adam, puxando-o para a pista de dança. Ele dançou com o bastão numa mão e o *darbuka* na outra. A música era ensurdecedora. As mulheres à volta deles batiam palmas, olhando para Isra com inveja, como se tivesse algo que era delas por direito. Quase conseguia ouvi-las dizer: *Como é que uma rapariga tão simples teve tanta sorte? A minha filha é que devia estar a caminho dos Estados Unidos.*

Depois, Adam e Isra foram dançar juntos. Ela não sabia muito bem o que fazer. Apesar de a *Mama* sempre ter insistido que dançasse nos eventos, dizendo que lhe faria bem à imagem, que as mães de futuros pretendentes notariam mais se ela se destacasse, Isra nunca lhe dera ouvidos. Não parecia natural dançar de forma tão livre, mostrar-se tão abertamente. Mas Adam parecia perfeitamente confortável. Saltava num só pé, com uma mão nas costas e a outra a balançar o bastão branco no ar. Com a bandeira da Palestina enrolada ao pescoço e um chapéu *tarbush*[21] na cabeça, Isra achou que ele parecia um sultão.

— Usa as mãos — disse ele.

Ela levantou ambos os braços acima da cintura, a balançar os punhos. Conseguiu ver Fareeda assentir, aprovando. Um grupo de mulheres cercou-os, movendo as mãos ao ritmo do *darbuka*. Usavam *thobes* vermelhos com padrões e moedas douradas costuradas à altura da cintura. Algumas seguravam velas acesas. Outras tinham uma vela acesa em cada dedo e balançavam as mãos no ar. Uma das mulheres usava uma coroa de velas, o que fazia parecer que tinha a cabeça a arder. A pista de dança reluzia como um candelabro.

A música parou. Adam agarrou Isra pelo cotovelo, levando-a para fora da pista de dança. Fareeda foi atrás, a segurar um cesto branco

[20] Membranofone tradicional na música árabe. É um dos instrumentos principais dos conjuntos árabes. *(N. da R.)*

[21] Chapéu de feltro sem abas semelhante ao fez. Pode ser usado sozinho ou como parte do turbante por homens muçulmanos. *(N. da R.)*

nas mãos. Isra esperava poder voltar ao seu lugar, mas Adam parou no meio do palco.

— Olha para os convidados — disse Adam a Isra.

Fareeda tirou o tampo da cesta para demonstrar a riqueza em joias dourada que estava lá dentro. Ouviram-se oohs e aahs da multidão. Deu a Adam uma peça de cada vez e ele pô-las em Isra, que olhou fixamente para as mãos dele. Os dedos de Adam eram longos e grossos e ela tentou não recuar. Do nada, Isra estava cheia de colares no pescoço, pesados e cheios de moedas frias que lhe tocavam na pele. Braceletes envolviam-lhe os punhos como se fossem pedaços de corda, onde as pontas tinham a forma de cabeças de cobras. Brincos em forma de moedas foram-lhe postos nas orelhas; anéis cobriam-lhe os dedos. Após vinte e sete peças de ouro, Fareeda atirou o cesto para longe e soltou mais um *zughreta*. Os convidados aplaudiam e Isra, ali diante deles, vestida de ouro, incapaz de se mover, parecia um manequim numa vitrina.

Não tinha ideia do que a vida lhe reservava e não podia fazer nada para alterar isso. Tremeu de horror com essa perceção. *Mas estes sentimentos são temporários*, relembrou-se Isra. Obviamente, teria mais controlo sobre a própria vida no futuro. Em breve, estaria nos Estados Unidos, na terra da liberdade, onde talvez pudesse ser amada como sempre sonhara e ter uma vida melhor do que a da mãe. Isra sorriu com essa possibilidade. Talvez um dia, se Alá lhe desse filhas, elas pudessem ter uma vida ainda melhor do que a sua.